



Depois eu conta: diário dos miseráveis

Baltazar Gonçalves

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

LEGADO

eu sou a face do mal
crosta repisada
fina camada de sal
o veneno na ponta da lança
solto no vento a seta apontada
sou aos poucos
o encantado
o atrevido
o disforme
o desfigurado
o desfocado
o pisado
o quebrado
o erguido
o som do verme da fome
o medo magro na sarjeta suja

ÜBERMENSCH

de costas para o abismo saiba dele
não o tema nem o desejo
a vida está como sempre esteve
bocarra faminta na engrenagem desdentada

da pouca luz do lume frouxo faço epifania
aqui eu é menos que sombra
divido o parco conforto sem a pressa habitual

viver um dia por vez levará de igual modo
ao fim, contudo respeito o nada conclusivo
o ciclo de estar sob escombros
valerá a pena se debaixo de todo peso
a leveza da montanha fizer algum sentido

o preço do vislumbre é a insanidade
no fundo do fundo raso a eterna dúvida
frente à máquina de esmagar músculos

aos que tateiam no escuro à porta do inferno
reacendo o novo lume e desenho
no vão enorme entre os degraus seu nome;
e abro a porta
para o belo salto ornamental estúpido
para quem busca a verdade inexistente
do lado de fora

TRÊS FIOS

três fios tecem o casulo
e destinam o embrião dentro
o fio imperceptível de tão fino perfura
na mortalha o vivente
e ata o impulso de morte à sina do existir breve
o fio mais denso engessa a couraça
com seiscentos feixes maiúsculos e ligando
os pulsos aos músculos
cria carapaça dura sobre tudo
o fio flexível rasga amorosamente a carcaça
e liberta o ser que no parto tem
de ponta a ponta as asas do desejo quebradas

SEM MILHARES

segue o desconcerto trágico
quando as cortinas descem lentamente
num aceno de pálpebras sonolentas
como se o último movimento no tecido da mortalha
revelasse o drama de apenas um de nós
entre as milhares de vidas perdidas
para a covid no campo de batalha

NOITE SOMBRIA

rasga o bojo da noite sombria a mão calejada
e silencia a língua torpe da boca da noite fria
enquanto escorre no colo da mãe despossuída
o sangue do filho gentil entremeado à vísceras

enlaçando dias e noites num ciclo sem fim
perdido em sombras frias, perdura oloroso
no bojo da noite sombria meu grito ignoto
agonia repetida, natimorto retorno sombrio

ao abismo!
ao raso largo!

rasgo abrupto na palma desperta
noite sombria amordaça mordaz

VERME

sobe da lama no escuro antes das seis o verme
o asqueroso visgo seca às seis da manhã
sequela o invertebrado minúsculo
cedo na luz entre ramas podres
na rampa vibra em alto plano
arde enquanto cintila o corte na goela
cravejam nele milhões de olhos sem brilho
da gosma ufana errático no próprio rastro
contorce agonizando o punho sem cérebro
às seis o homúnculo morre

BURGO INVADIDO

nas veias entupidas da américa latina
o gorduroso ranço dos ganhos espúrios
abrem as vielas inquietas da ganância
e renovam à foça os grilhões da tirania;
o consenso em voga deixa a terra chata
e a cisão sócrates | platão obscena
entretanto, e a custo de tanta vilania
no meu peito centenas de homens libertos
desembarcam cantando novo espanto
e incendiando as ruas
sopramos a brasa da liberdade
nas cinzas de cada dia;
veja bem, toda coisa fora de ordem
e nos pedem coesão
alegro em dizer que no corpo onde és eu mora
fica incômodo mas livre onde reina a decadência;
para o estúpido liberdade é vago motivo
o vácuo, imbróglío
corpo embrulhado em corte abstrato
mas liberdade é rasgo aberto na periferia do estrago
por isso eu levita personagem em auto de derrama
suspense no tempo depois de abrir os olhos;
que sabem da rosa e do povo
os novos déspotas esclarecidos
orgulhosos de terem nascido homens
no mundo de homens que pisam flores?
soterram-nos os séculos nas dobras do dia
eu resta vilão sem vila nesse burgo invadido

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em fevereiro de 2021.
